

Contos



Turma 8.º B



PORTUGUÊS

2021 / 2022



Prof.ª Isabel Machado

Prof.ª Helena Jesus

Turma 8.º B



PORTUGUÊS

2021 / 2022



EPSTP — CELP

Escola Portuguesa de São Tomé e Príncipe —
Centro de Ensino e da Língua Portuguesa

Contos



Título: *Contos — Turma 8.º B*

© Turma 8.º B, São Tomé e Príncipe, 2022

Revisão: Isabel Machado e Helena Jesus

Capa: Izzye Ten-Jua, n.º 12 — Turma 9.º B

Edição e Paginação: Isabel Machado

Ilustrações: Alunos da Turma 8.º B, exceto quando assinalado.

Impressão e acabamento: EPSTP

1ª Edição: julho de 2022

Publicações EPSTP

C.P. n.º 636 — São Tomé

www.escolaportuguesastp.com

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

ÍNDICE

Prefácio	2
• <i>A minha vida é um problema</i> , Choizinela Jen-Choi	4
• <i>Uma carta misteriosa</i> , Daiane Dias	8
• <i>À deriva</i> , Dandara Bandeira	15
• <i>Umas férias inesquecíveis</i> , Dielsio Santos	20
• <i>Jovens feiticeiros</i> , Fátima Cunha	23
• <i>A menina que criava máquinas do tempo</i> , Glory-Cee	28
• <i>A ignorância de Mellany</i> , Grazielle Afonso	36
• <i>Quando o amor é duplo</i> , Josef Maganga	39
• <i>Praia limpa, vida saudável</i> , Keyla Pontífice	44
• <i>O pescador</i> , Laércio Santiago	47
• <i>A confusão na aldeia marinha</i> , Lino Roux	50
Participação Especial—Nana-Yu	53
• <i>Um presente para a menina Cacau</i> , Nana-Yu	54

PREFÁCIO

Caro leitor, este livro de contos foi elaborado pelos alunos da turma B, do 8º Ano, ao longo do ano letivo de 2021 / 2022, no âmbito da disciplina de Língua Portuguesa. Aqui poderá encontrar narrativas plenas de diversão e que podem transmitir muitas emoções, lições de moral, aventuras e magia, coisas que o vão encantar. E, ao longo da leitura, poderá desfrutar ainda de bonitas ilustrações. No final, este livro contará com uma narrativa especial de uma menina muito simpática, dedicada e sempre disposta a ajudar-nos — a Nana-Yu —, a qual assistiu às nossas aulas ao longo do ano. Estas escritas são um sonho tornado realidade graças à persistência e força de vontade da nossa professora de Português. Obrigada, professora Isabel Machado, por nunca desistir de nós!

Boas leituras!

Daiang Dias, n.º 2

Fátima Cunha, n.º 6

Turma 8.º B

É maravilhoso e gratificante percebermos como os nossos alunos se apoderam desta forma da Língua Portuguesa, elo comum entre os nossos países, e nos privilegiam com estes contos das suas autorias.

Parabéns aos alunos e aos professores.

A Diretora

Manuela Costeira

Contos

Contos

☯ A MINHA VIDA É UM PROBLEMA ☯

Choizingla Jen-Choi



Há muito e muito tempo, na ilha de São Tomé, vivia uma menina cujo nome era Poliana. Ela tinha catorze anos, vivia com o seu pai, a madrasta e os seus filhos. A madrasta tinha um casal de filhos: a menina chamava-se Lauri, de onze anos, e o menino, que já era um adolescente, chamava-se Renato, e tinha quinze anos.

Poliana perdera a mãe no parto, por isso viveu durante três anos só com o seu pai. Depois de Poliana ter completado quatro anos de idade, o seu pai arranhou a sua primeira namorada desde a morte da mãe. Após algum tempo, separaram-se e juntou-se à sua atual madrasta, que se chamava Linda. A sua madrasta não gostava muito de Poliana, por ser muito amada pelo pai. Poliana tinha a sua melhor amiga cujo nome é Carmem. Carmem tinha uma família maravilhosa que era composta por: mãe, pai, dois irmãos e uma irmã mais velha. Isso fazia com que Poliana ficasse com inveja.

Um certo dia, Poliana ia para a escola na companhia de Carmem, quando repararam numas cartas a dizer:

"Vamos todos proteger as nossas praias! Queremos a vossa colaboração para que, juntos, possamos limpar as nossas praias.. Próximo sábado, dia 2."

— Podemos participar, o que achas? — questionou Poliana a Carmem.

— Que pena, não posso ir, tenho muitas coisas para fazer no sábado — respondeu Carmem com uma carra de tristeza.

— Está bem, não faz mal. Vou sozinha.

Quando Poliana chegou a casa, ela foi pedir ao pai, que estava deitado no sofá, se podia participar na limpeza, só que quem a deu a resposta não foi o pai mas sim a madrasta, que acabara de sair da cozinha:

— Não vais a lugar nenhum! — respondeu a madrasta com tanta raiva que se esqueceu que o pai de Poliana estava ali presente.

☞ A MINHA VIDA É UM PROBLEMA | CHOIZINELA JEN-CHOI ☜

— O que te deu para a tratares assim, com tanta agressividade? — perguntou o pai, surpreendido.

— Desculpa, não tinha reparado que estavas aqui — disse Linda, assustada.

— E se tivesses reparado em mim, o que lhe dirias? Para ir? Como lhe falarias? Isso quer dizer que andas a tratar mal a minha filha! Responde-me! — Insistiu, zangado com a resposta de Linda.

— Poliana, ela anda a tratar-te mal quando não estou em casa? Responde com sinceridade, filha.

— Hum... E... e... ela..... ela...

— Poliana, Poliana... Cuidado com o que vais dizer ao...

— Vais dizer-me a verdade! — insistiu o pai sem ter deixado Linda acabar a sua frase.

— Ela costuma a tratar-me mal quando não estás. Ela trata-me como se eu fosse uma escrava. Se for com os filhos dela, ela trata-os como se fossem rei e rainha. Lauri quer sempre ajudar-me, mas Linda não deixa.

— É uma grande mentira! Como?! Nunca a viste a limpar o chão ou lavar a loiça! — exclamou, procurando defender-se.

— Quando o carro do pai chega, mandas-me parar de fazer as coisas que me mandaste fazer, ou seja, os trabalhos que a senhora da limpeza deveria fazer, e ir tomar banho para que ele não me veja a fazê-los — confessou Poliana.

— Não acredito que tu fazes isso! Achava que tu gostasses dela como se fosse tua filha!!!

— Não vês que é tudo mentira? — insiste Linda. — Lauri, alguma vez fiz isso com Poliana?

Lauri ficou muito preocupada, pois não sabia com quem devia estar. Reparando na situação respondeu:

☞ A MINHA VIDA É UM PROBLEMA | CHOIZINELA JEN-CHOI ☜

— A mãe costuma tratar Poliana mal. Basta tu saíres que a mãe a trata mal, ela não tem descanso enquanto o pai não chegar — dizia Lauri, completamente furiosa.

— Lauri, deverias estar a ajudar a tua mãe, não a eles que não são nada a ti!

— “Eles” parecem ser mais a minha família do que tu, que és minha mãe. Sempre a dizer-me que Poliana não presta que é uma má influência, que me iria tornar-me assim também. Não, mãe, és tu quem está a tornar-me assim. Isso é o que tu és, mãe.

Linda, com muita raiva, passa uma mão na cara de Lauri, deixando-a marcada.

— Nunca mais falas assim comigo, ouviste?

— Nunca mais falarei, pois já não quero que estejas perto de mim. És um monstro!

Linda só não perdera o marido como também a filha.

Lauri, correndo para fora, choca com o irmão. Norberto tenta perceber o motivo do choro da irmã. Linda vai atrás dela, mas apercebe-se de que Norberto afastou Lauri para longe de si. O pai sai e diz para Linda:

— Já não moras mais. Lauri e Norberto, vão com a vossa mãe?

— Ela já não é mais a minha mãe, e é claro que que prefiro ficar convosco do que com uma cobra. Renato também vai ficar comigo.

— Seus mal-agrafedidos! Vou sair desta casa! E não penses que vou sair porque me mandaste, mas sim porque já não vos aguentava mais.

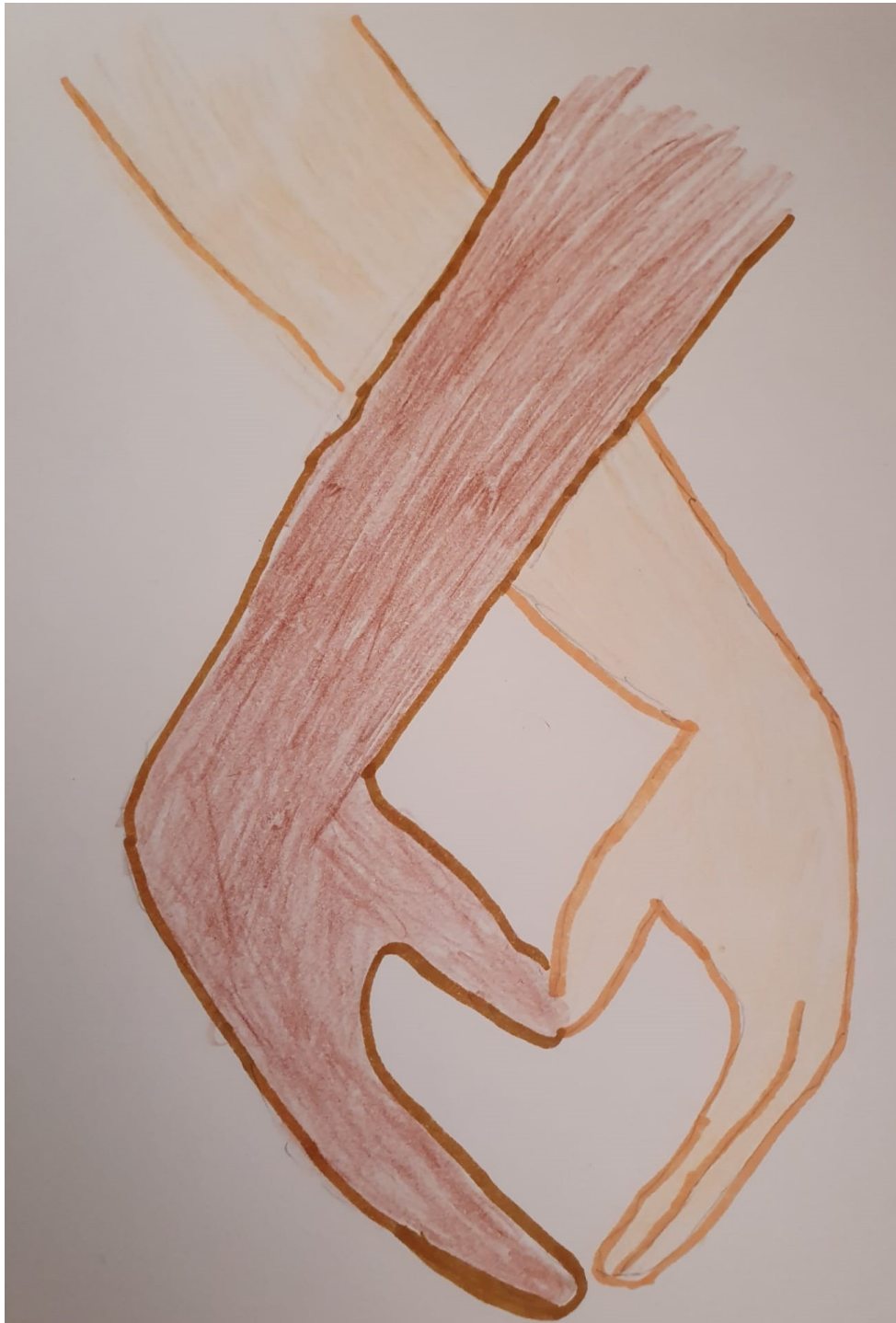
Passou uma hora e Linda já tinha a sua mala pronta. Devolveu a chaves e saiu. O pai iria tomar conta deles, daí em diante, com carinho e muito amor.

“Esta é uma história que pode servir de lição para algumas pessoas.”

☞ FIM ☜

☯ UMA CARTA MISTERIOSA ☯

Daianz Dias



Num belo dia de sol, cheiro de flores e borboletas, estava uma menina sentada na erva quentinha que se chamava Charla, mas todos a tratavam por Chacha. Ela tinha olhos azuis, cabelo loiro com algumas fitas castanhas. Era gentil, inteligente e bondosa. Chacha tinha uma irmã, mas ela não a conhecia. Morava com a avó que era muito especial para si. Tinha cabelos cinzentos, olhos castanhos e era bondosa com todos. Chacha também não conhecia os seus parentes, porque viviam na cidade.

Charla tinha uma melhor amiga, Lilly, mais conhecida por Lis. Tinha cabelos castanhos, olhos verdes e era um pouco ciumenta, mas afável com todos. Morava com a sua mãe, Celine, a qual tinha cabelos castanhos com fitas loiras, olhos azuis, sardas e estava sempre muito alegre.

Ambas queriam ir à praia, então Charla e Lilly prepararam tudo e lá foram. A praia estava limpa, a areia plena de conchas, o mar azul com barcos que flutuavam, sem nenhuma poluição. Voltando para casa, Lis perguntou-lhe:

— Poderias perguntar à tua avó sobre os teus pais e a tua irmã. Eu sei que estou a ser um pouco intrometida na tua vida, mas preocupo-me contigo e nunca te vou deixar. Ao que Chacha lhe respondeu:

— Eu já lhe perguntei, só que ela não me diz. E também não te vou deixar nem te esquecer — disse ela, feliz.

De repente, veem a avó de Charla a chorar enquanto falava com Celine. E as meninas desataram a correr, perguntando que tinha acontecido. E Celine respondeu-lhes:

— Aconteceu o seguinte: o pai da Chacha ligou, dizendo que vais acompanhá-lo.

— Eu não quero deixar-vos, vocês são a minha família — disse Chacha a chorar.

— Não fiques assim, minha princesa.



Charla encaminhou-se para casa lentamente, na companhia de Lilly. Enquanto caminhavam, Lilly disse lhe:

— Não chores, tu sabes que eu odeio quando tu choras. Vou sentir muitas saudades tuas, amiga.

— Está bem, só que eu não vos queria deixar. Obrigada por tudo, Lilly, tu és a única pessoa que me compreende, que me faz feliz nas situações em que fico triste. Eu amo-te, Lilly. — E as meninas abraçaram-se.

Depois de algum tempo, as meninas estavam a conversar e, quando Charla estava a arrumar a sua mala, tropeçou numa caixa que dizia: "Não mexer". Como as meninas eram muito curiosas, abriram a caixa na qual se encontrava uma carta que dizia, num tom sentimental:

"Eu sou mãe da Charla e da Lilly, sou a Celine e como eu não tenho condições para cuidar delas, vou deixar-te com elas. Beijinhos, minhas meninas, Charla e Lilly."

Depois de lerem a carta até ao final, ficaram espantadas. Mas não queriam que ninguém soubesse que tinham encontrado e aberto a caixa misteriosa. Nesse exato momento, a avó de Charla chamou-a, quase gritando:

— Charla, despacha-te ou vais chegar atrasada ao comboio! Mas... O que tens aí na mão?

— É só uma carta — tentou disfarçar a menina. — E já estou a ir, só preciso de arrumar algumas coisas.



A avó não queria incomodar as meninas, então foi-se embora.

— Não é melhor esclarecer as coisas com a minha mãe e a tua avó? — questionou Lilly. — Eu sou a tua irmã e não sabia disto! Acho que há mais mistérios!

— Não, eu acho que não é boa ideia contarmos, pois isso seria uma falta de respeito para com a minha avó e a tua mãe. Mas fico muito feliz em saber que a Celine é a nossa mãe e que tu és a minha irmã. Também acho que há um mistério, e porque é que elas não nos queriam contar?

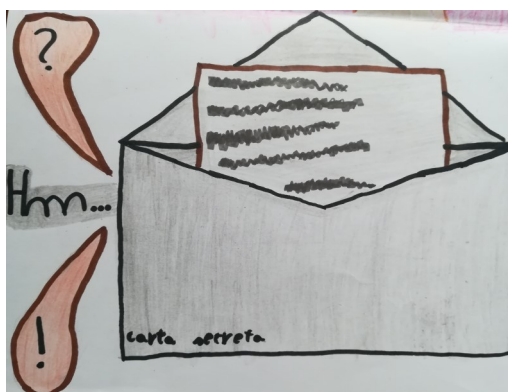
— Olha, Chacha — começou por dizer Lilly, com um sorriso nos lábios — nós já descobrimos muita coisa, não vou contar nada a ninguém e tu também não. Acho que deve ser por uma razão muito pessoal, mas não faço ideia. É melhor irmos para o carro.

Charla, muito esperta, pegou na carta e colocou-a na sua mala. Saíram e chegaram à Estação de comboios de Santa Polónia, em Lisboa, de carro. O comboio já estava a iniciar a viagem, então não deu para Charla despedir-se de ninguém.

Quando Charla foi para o seu lugar, viu Jonna, o seu melhor amigo que vivia com ela. Os pais dele foram para Coimbra por motivos profissionais. Ele tinha cabelos castanhos, olhos pretos, era simpático e inteligente. Ao vê-la, disse-lhe:

— Olha só a minha fofinha! Senti tantas saudades tuas! Tu mudaste muito! A Lilly deve estar já grandinha.

— Senti saudades tuas, meu fofinho! Não mudei tanto assim, a Lilly está muito bem — constatou, emocionada.



E foram sentar-se nos bancos.

Passaram-se algumas horas e tinham chegado à cidade de Setúbal. Subitamente, Charla ouviu alguém a chamar pelo seu nome e alguém a dar-lhe um abraço: era o seu pai. O seu pai chamava-se Lourenço, tinha cabelos loiros, sardas e olhos verdes.

— Não acredito que estou a ver a minha querida filha! Senti muitas saudades tuas e tenho muitas coisas para te explicar. Venham comigo, tu e o Jonna.

— Pai, não sabia que eras tu! Também senti muitas saudades tuas, e eu tenho várias perguntas para fazer. Como é que tu e o Jonna se conheceram? — perguntou, Charla, muito curiosa.

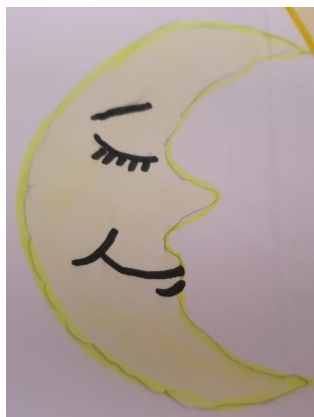
— Quando eu estava a ir para Coimbra, os pais do Jonna precisavam de alugar uma casa e eu ajudei-os a escolhê-la.

— Vamos! Eu quero muito ver a minha casa nova! Não é que eu não goste da minha outra casa...

E todos riram de Charla. Após algumas horas, chegaram a casa. Era uma casa grande, com piscina, cinco quartos e seis casas de banho. Chacha foi diretamente para o seu quarto. O quarto dela era grande com uma casa de banho, tinha uma cama muito grande, uma vista para a piscina e uma mesa de estudo.

Ela arrumou as suas coisas, tomou um banho e vestiu-se. O seu pai foi para o seu quarto e contou-lhe, então, toda a história. Começou pela sua mãe.

— Olha, querida, a tua mãe é a Celine. Ela não queria revelar-te a verdade,



porque achava que tu não irias compreender. Ela queria contar-te quando tivesses quinze anos. Mas eu não queria manter por mais tempo este segredo. Por isso, tomei a iniciativa. Nós deixámos-te com uma senhora, chamada Brenda. Ela era a amiga da tua mãe. Como eu e a tua mãe não tínhamos condições para te manter, deixamos uma caixa para que se guardasse o segredo.

A Lilly é a minha filha, a tua irmã-gêmea, só que vocês têm algumas diferenças. Tenho uma novidade!

Charla ouviu a história, muito feliz e curiosa.

— Não sabia nada sobre esta história. Agora tudo faz mais sentido! Eu já desconfiava, pois eu e a Lilly tínhamos visto a caixa debaixo da cama da avó e lemos a carta que estava lá dentro. Obrigada, pai! Mas eu gostaria de uma coisa. Gostaria que a Lilly, a Celine e a avó estivessem aqui connosco. Quero saber sobre a surpresa!

Assim, o pai de Charla abriu a porta de entrada do quarto e estava com Lilly, Celine e a avó tal como era o desejo de Charla. Todos estavam felizes, com lágrimas nos olhos.

— Mas como é que eles estão aqui, se não vieram comigo? — perguntou Charla, muito feliz.

O pai de Charla esclareceu essa pequena dúvida da sua filha e disse-lhe:

— Eles viajaram no mesmo comboio que tu, só que ficaram na sexta carruagem e tu estavas na segunda carruagem. E eles tiveram de ir num táxi. Passaram pela praia, por vários sítios e só depois é que conseguiram vir até aqui. Nós já tínhamos falado com a Lilly, a Celine, a avó e o Jonna. E queríamos fazer esta surpresa para ti.

— Quando me contaram, eu fiquei muito confusa, mas depois percebi mais ou menos a história. Infelizmente, na viagem para cá, eu vi uma praia cheia de lixo, plásticos, comidas, várias coisas. Já no campo, não havia nada disso. Senti, nesse momento, algumas saudades do campo. E também vi uma senhora a apanhar esses lixos do chão, a colocá-los num caixote de lixo que dava para reciclar as coisas. Gostei muito da possibilidade de reciclar. Então como já estava tudo resolvido entre eles, com todas as explicações, foram dar um passeio — contou-lhes Lilly, procurando explicar, emocionada.



☞ UMA CARTA MISTERIOSA | DAIANNE DIAS ☛

Passaram-se dois anos. A família vivia na cidade do Porto. Era o ano em que Lilly e Charla faziam catorze anos. No dia do seu aniversário, Charla começa por dizer:

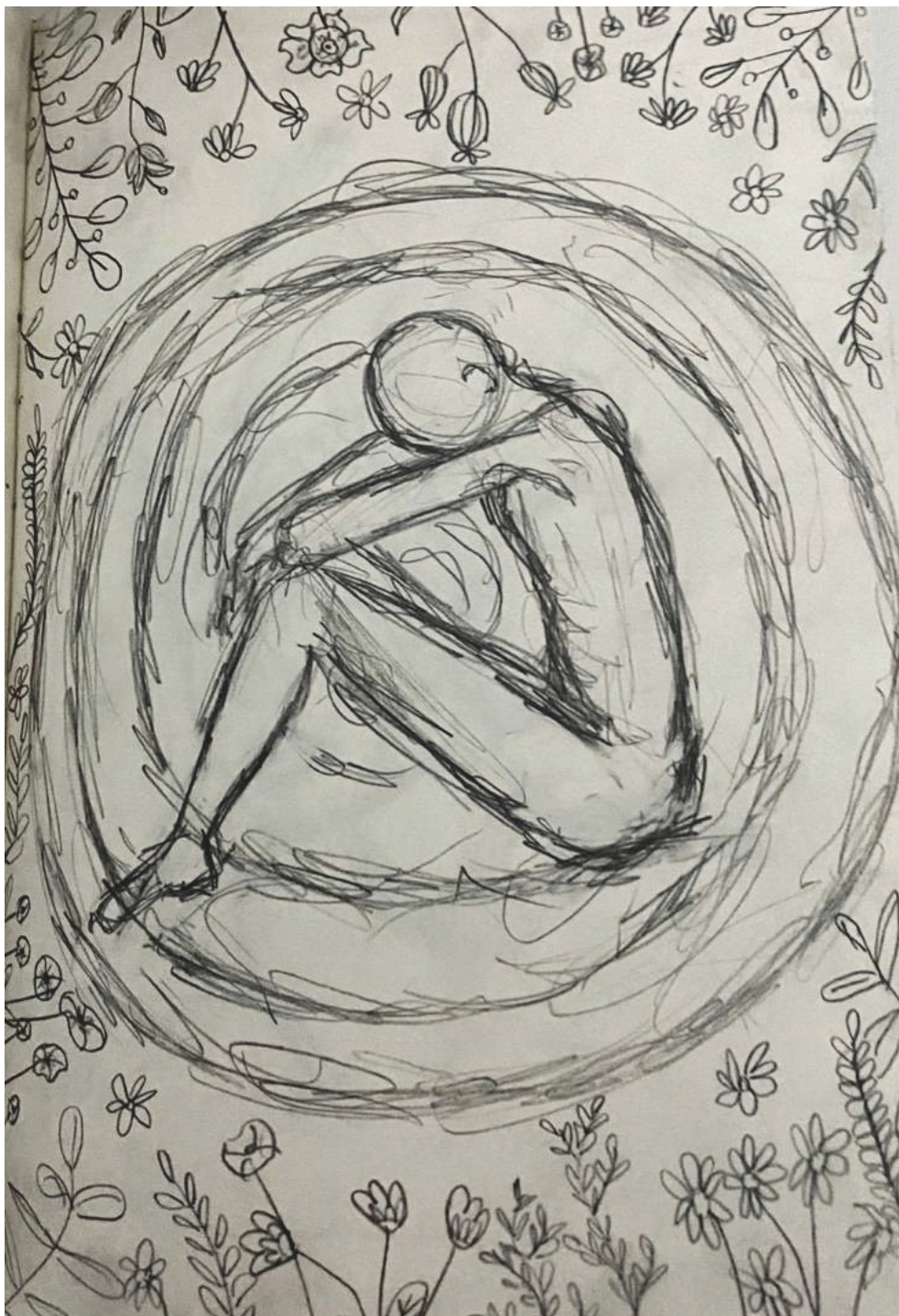
— Tenho uma coisa para falar: às vezes, podemos achar que nunca vai dar certo, nunca vamos conseguir fazer o que queremos, mas aprendi que nunca devemos desistir dos nossos sonhos. Eu tenho uma família unida. Muito obrigada aos meus pais, à minha irmã, à minha avó e ao meu docinho, o Jonna. Muito obrigada!

E esta família viveu feliz e com várias aventuras por descobrir.

☞ FIM ☛

À DERIVA

Dandara Bandeira



Chovia intensamente, quando espreitei pela janela embaçada pela humidade, deitada no sofá, sentido o cheiro a terra batida que me fazia suspirar pesadamente a todo o segundo, a fim de inalar a aquele clima de características tropicais.

Deixar-me-ia levar facilmente pelos sons costumeiros dos dias de chuva se, entretanto, não tivesse desviado o meu olhar por frações de segundo para a escrivaninha do lado. Foquei a minha atenção na maldita folha amarelada do caderno que sempre andava comigo.

— ARGGG!! — Exclamei, exasperada, revirando nervosamente os olhos.

Sempre apresentei facilidade em “combinar” as palavras. Gostava de montar pequenos textos soltos que me aliviavam me ajudavam a espairer. E isso era de tal forma terapêutico para mim que levava sempre comigo, para todos os lugares e todos os dias, aquele caderno de capas desgastadas e folhas amareladas de um estilo antigo, oferecido no meu aniversário pelo meu irmão.

Aquele caderno era o meu terapeuta pessoal. Porém, não o queria ver nem revestido a ouro. Porquê? Porque eu tinha uma tarefa a fazer de expressa obrigação: escrever um conto! E, preguiçosamente, a minha cabeça inventava mil e uma histórias e desculpas sem nexos, para que eu adiasse a todo o custo algo que não gostava nada se eu me concentrasse a sério.

Derrotada, levantei-me do sofá e, após espreguiçar-me demoradamente, encarei a castanha parede lisa, que se encontrava à frente, analisando a sua única decoração — um relógio, feio, grande e antigo. Desejava situar-me quanto às horas. Apesar do seu aspeto feio, ele informava-me todos os dias sobre as horas, impedindo-me de me dispersar no espaço de tempo em todas as vezes que me enfiava no quarto para raramente sair. Quinze horas, vinte e cinco minutos e quatro segundos.

Encaminhei-me para a secretária desarrumada e cheia de coisas espalhadas: embalagens de chocolates, uma garrafa de água vazia e alguns bilhetes amassados. No meio de toda aquela confusão, encarei o caderno, pensando no que fazer por al-

guns segundos. Por fim, agarrei na mochila e atirei para lá tudo o que precisava, incluindo o caderno. Após fechá-la, dirigi-me ao armário e tirei de lá um casaco azul-escuro, vestindo-o. Na cama descansava o meu *mp3*, no qual agarrei rapidamente, conectando-o com os meus *headphones*. Ao som dos primeiros acordes do violão da música que escutava, agarrei na mochila e saí do quarto, dando de caras com o corredor que me ligava aos outros compartimentos da casa.

Caminhei por alguns segundos até passar pelo quarto da minha mãe que tinha a porta aberta e o que vi fez com que eu franzisse a sobrancelha e desse passos atrás, a fim de ver tudo com mais atenção. Detive-me à entrada do seu quarto.

O quarto da minha mãe, ao contrário do meu, era muito mais organizado e cuidado. A organização e a decoração eram minimalistas, com um toque de delicadeza fornecida pelas cortinas rosa carmim que adornavam as janelas. Sentia o odor fresco soltado pelas várias flores e plantas espalhadas pelas cómodas. Estas características faziam deste quarto o meu local favorito da casa. Com um formato retangular, o quarto acomodava a cama e uma escrivaninha não muito pequena, que armazenava livros sobre culinária, romances de décadas e um vaso que continha algumas rosas amarelas. A janela era adornada pelos lindos cortinados. Havia, também, uma estante de bambus. As duas primeiras prateleiras suportavam vasos de flores de nomes desconhecidos uma pilha de livros. A seguir, vinha a sua secretária, o seu local de trabalho sempre muito organizado e, por fim, o grande guarda-fatos antigo com um espelho gigante que tinha como espetadora o próprio reflexo, a minha mãe.

Vestida lindamente com um vestido de tubo, preto e brilhante que tocava no joelho. Descalça, sobre o grande tapete bege, a mesma admirava-se com um brilho nos olhos que há muito não via.

— Uau! Uau! — exclamei, muito entusiasmada. Ela estava deslumbrante e feliz.

Com um suspiro, voltei-me para o corredor e retornei à caminhada, para o *hall* de entrada. Ainda queria saber acerca daquilo, mas tinha um conto a escrever. Chegando lá, peguei na capa e nas botas de chuva e, antes de sair, gritei, avisando-a da

minha partida. Este pequeno episódio arrancou-me um sorriso, pois ela respondera, atrapalhando-se nas falas, o que me levou a acreditar que a havia tirado do mundo em que se encontrava, enquanto se apreciava no espelho.

— Não te esqueças do casaco! — ouvi-a exclamar, no momento em que já me preparava para fechar a porta no lado de fora.

— Já o tenho vestido! — gritei de volta. Por fim, fechei as portas e iniciei a caminhada pela estrada de pedra da nossa entrada. Chovia muito e o lamaçal que se formava logo à frente me mostrava que o caminho até à estrada seria cansativo e monótono.

Após ultrapassar toda a zona rural, consegui chegar à estrada de alcatrão cheia de lama nos pés. Parei por alguns segundos para os limpar, passando as botas repetidas vezes pelo chão. Finalmente, comecei mais uma caminhada rumo à biblioteca. Lá encontraria alguma fonte de inspiração e também a bibliotecária Giselda, que tinha os melhores conselhos nos melhores momentos. A sonoridade que se misturava com o barulho da chuva que saía do meu *mp3*, era uma das músicas do cantor *Baco Exu do Blues*, "Minotauro de Borges", do seu álbum *Bluesman*.

A pé, passei pelo rio Agnes, que se encontrava violento, carregando inúmeras quantidades de lixo. Aquele rio era um caso complicado, pois faziam-se todos os tipos de apelos à população da cidade para evitar deitar para lá o lixo, mas tem sido em vão. As pessoas mantêm-se ignorantes relativamente a tudo o que se fala sobre a poluição e tratam o rio como se fosse uma rede de armazenamento de lixo.

Havia épocas em que era quase impossível passar lá devido ao cheiro libertado pelo mesmo. As águas que antes serviam as famílias mais pobres se tornaram como veneno, sem peixes nem vida. A barragem que lá havia também se fechou devido a tudo isso, e agora estamos nós a sobreviver com a água fornecida pelos grandes camiões trazidos da cidade vizinha.

Após longos minutos, cheguei à biblioteca, um local grande e aconchegante,

com um pequeno fluxo de pessoas, as quais silenciosamente passavam de cá para lá, envolvidas nas suas pesquisas.

— Boas tardes, Giselda. Preciso de ajuda, estou perdida — comecei por dizer, a grande velocidade.

Sem se pronunciar, ouviu todos os meus confusos argumentos sobre o quanto eu não queria fazer aquele trabalho e o quanto me custava pensar numa história. Até que mais tarde...

— Boa tarde, minha querida. Antes de tudo...

E, naquele momento, esperava eu por uma filosofia que talvez me motivasse a imaginar e registar no papel, mas tudo o que ouvi, foram pequenas palavras desconexas e vazias que não me fizeram sentido algum. Só sei que, anos depois, aquela velhinha me havia falado sobre o maior tesouro de todos e não vou compartilhá-lo com ninguém.

Encerro este texto dizendo que escrevi um conto, apenas isso.

Mas e a narrativa? Todo este percurso para no final não se chegar a nada? Nem detalhes, nem explicações.

Que tipo de conto é este? Caí no mundo imaginário que existe dentro de um livro. Um livro que fala sobre como encontrar inspiração para escrever um conto.

Caro leitor, parto em busca da magia de conseguir transmitir e provocar o sentimento desejado através da narrativa.

☯ UMAS FÉRIAS INESQUECÍVEIS ☯

Diçsio Santos



Num dia de Verão, Gustavo, um menino de onze anos, que morava com os seus pais numa cidade próxima da Serra da Estrela, resolveu ir visitar a sua avó, Claudete.

Claudete vivia numa humilde casa na Serra da Estrela. Na viagem de carro, Gustavo observava, atento, toda a paisagem, mas após algum tempo, começou a ficar muito ansioso.

— Já chegámos? — perguntou ele, ansioso.

— Não, mas falta pouco — respondeu o pai.

Passado algum tempo, chegaram. Enquanto os seus pais falavam com a sua avó, Gustavo procurava alguma coisa para fazer. Como Claudete queria passar muito tempo com o neto, combinou com os pais a possibilidade de ele ficar em sua casa durante as férias. Após as despedidas, a sua avó não perdeu tempo e decidiu ensiná-lo a cozinhar.

— Ó avó! Só tenho onze anos! — exclamou o Gustavo, desesperado, pois não sabia o que fazer com tantos utensílios de cozinha.

— Não faz mal, querido neto. Com a tua idade, já sabia fazer muitas coisas, além de cozinhar. Vamos lá, é fácil! — explicou, carinhosamente, a avó.

Passada uma semana e o menino já sabia fazer muita coisa, como cozinhar, lavar a loiça e limpar a casa.

Na semana seguinte, decidiram ir à praia, a uma praia fluvial, pois estava muito calor. A aldeia da sua avó ficava muito longe do mar, por isso escolheram refrescar-se neste local, em Seia. A vontade de dar um bom mergulho refrescante era muita, mas Gustavo só pensava nas suas aguarelas e pincéis, desfrutando de toda aquela paisagem à sua volta. Um grupo de turistas que por ali passava, ficou muito interessado nos desenhos do menino e queriam fotografá-lo e ao seu trabalho. Mais tarde, Gustavo decidiu ir à água, apesar de não saber nadar.

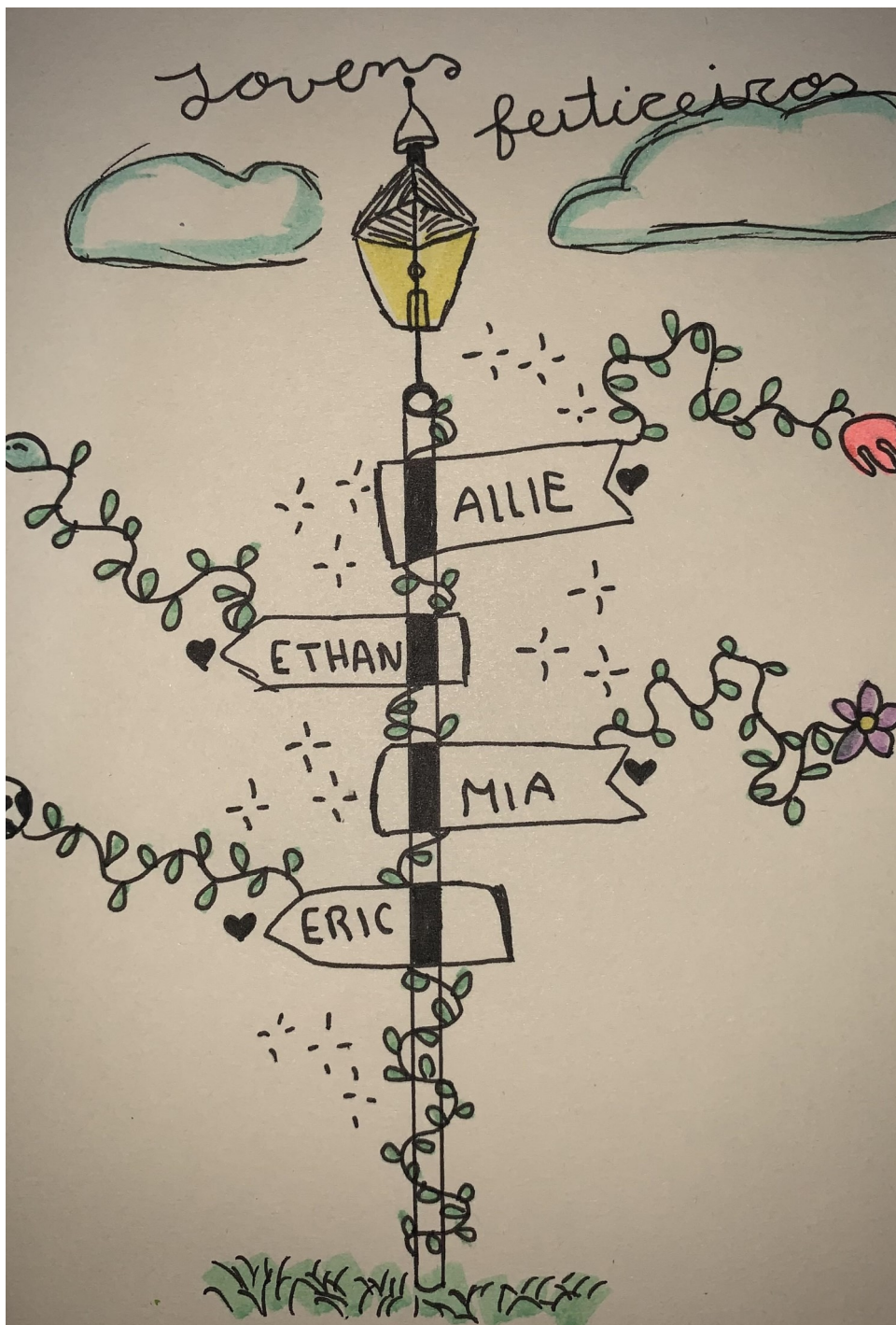
— Meu Deus! Gustavo! — gritou a avó, muito preocupada, pois estava distraída, não se apercebendo da ausência do neto.

Felizmente, um dos turistas que observava os seus desenhos e conversava com a avó, apercebeu-se de que o menino estava a afogar-se e foi imediatamente socorrê-lo, com sucesso. Mais tarde, em casa da avó, que se sentia culpada por se ter distraído, Gustavo pediu-lhe desculpas por ter ido sozinho para a água, dizendo-lhe que aquele estava a ser o melhor Verão de sempre.

A partir de então, Gustavo começou a passar as suas férias de Verão sempre com a avó, que não tinha companhia. Assim, ela teve mais oportunidades de ensinar mais coisas novas ao seu neto, na esperança de lhe dar mais atenção.

∞ **FIM** ∞

Fátima Cunha



A caminho da universidade ia Allie, juntamente com os seus amigos Ethan, Mia e Eric. Todos estudavam no *Lords University*, uma universidade privilegiada na Índia, em que a maioria dos alunos pertencia a famílias ricas.

A escola era enorme: tinha dois lagos lindos e cintilantes, com cisnes e patos brancos, duas piscinas enormes para as aulas de natação e uma das maiores bibliotecas do mundo, com vários livros ricos de informação e histórias. Todas as salas suportavam cerca de vinte e oito alunos. Havia também um salão de festas e um outro salão onde eram realizadas as reuniões. A universidade tinha também um ginásio, um campo que dava para a prática de vários desportos coletivos, como Futebol, Basquetebol, Voleibol, Ténis, *Badminton* e, até, um campo de Golfe.

Allie era uma jovem de 17 anos. De cabelos longos, ondulados e ruivos, tinha uns olhos azuis como o oceano, o seu lábio era rosa e brilhante e a sua pele era branca e lisa como a neve. A melhor amiga de Allie era Mia, uma jovem de 18 anos com cabelos loiros e curtos, olhos roxos como violetas e uma pele macia e branca. Os seus melhores amigos eram Ethan e Eric. Ethan tinha um cabelo ondulado e curto, olhos castanhos como o chocolate e era alto. Tinha um metro e setenta e seis centímetros. Eric, com quatro centímetros a mais que Ethan, tinha cabelos lisos e escuros como a noite e os olhos pretos.

Allie, Ethan, Mia e Eric ainda estavam no primeiro ano e estudavam todos na mesma turma. No mesmo dia em que Allie regressava a casa, desapareceu de forma misteriosa. Ao voltar a si, apercebeu-se de que estava numa sala branca onde só havia uma mesa, uma cadeira, um papel e uma esferográfica. Ela estava sozinha e o silêncio era absoluto, até que ouviu uma voz, dizendo:

— Bem-vinda, Allie! Prepara-te, pois o teste começará em breve.

— Quem és tu? — Perguntou, preocupada. Mas a voz não respondeu.

O teste começou e ela tinha 120 minutos para o realizar sem deixar de responder a uma única pergunta. E assim, Allie começou. Ela não sabia o que era para fa-

fazer, mas tentou concretizar todas as questões. À medida que lia as perguntas, a jovem ficava cada vez mais nervosa até que começou a fazer o teste, tendo terminado mesmo no último minuto. Então, a voz disse:

— Parabéns, Allie! Conseguiu concluir a prova a tempo, agora podes ir.

De súbito, uma porta abriu-se e ela encontrou os seus três amigos e outras pessoas que não conhecia. Desta vez, a sala era amarela e Allie só pensava que eles ainda não estavam livres. Até que a voz voltou e começou por explicar o que se estava a passar:

— Olá a todos! Acabaram de fazer um teste que vai servir para sabermos o vosso potencial e preparar-vos para o que estará prestes a acontecer. Depois da contagem regressiva de três segundos, todos irão esquecer o que aconteceu aqui, não se vão lembrar de nada.

Todos ficaram sem entender nada até que a contagem do tempo começou. Rapidamente, Allie pegou no brinco e cortou-se para que ela não se esquecesse do que acontecera. Começou a sair um fumo branco da parede e todos desmaiaram.

Já era um novo dia, quando Allie acordou no seu quarto. A jovem fez a sua rotina diária, escovou os dentes, tomou banho, comeu e, enquanto comia, reparou num corte no braço, tendo passado uma visão rápida pela sua mente do que poderia ser. Na verdade, era tudo o que tinha acontecido naquela noite, mas ela acabou por ignorar e pensou que era um sonho. Foi, pouco depois, para a escola.

Ao chegar à escola, viu os seus amigos e lembrou-se do momento em que ela saiu da sala branca e os viu, mas ignorou novamente esta lembrança. Cumprimentou-os, como habitualmente, e foram juntos para as aulas. Durante a última aula da manhã, Allie lembrou-se daquela voz e do teste que havia feito, assim que o professor lhes entregou uma ficha de exercícios. Desta vez, ela não ignorou o pensamento e continuou a fazer a ficha, aguardando, impaciente, a hora do almoço para poder contar tudo aos colegas.

Todos saíram e dirigiram-se à cantina para almoçar. Allie aproveitou esse momento para lhes contar tudo o que se lembrava.

— Meu Deus! — exclamou Eric. — Não é possível!

— Parece um *déjà vu* — disse Mia.

— Não é possível isso ser um *déjà vu* — contestou Ethan. — O que achas, Allie?

— Não, acho que não. Nunca pressenti que isso tivesse acontecido.

Os quatro amigos debateram o assunto por algum tempo, sem, no entanto, chegar a qualquer conclusão. De seguida, assistiram às restantes aulas e foram para casa juntos. A caminho de casa, o tempo parou e eles acharam muito estranho.

— O que se passa?! O meu relógio parou de funcionar — estranhou Eric.

— O do meu telemóvel também — disse Allie, espantada.

— Que estranho — falou Ethan, já assustado.

De repente, eles teletransportaram-se e apareceram numa escola, mas uma escola diferente.

— Bem-vindos à *Merlinland School of Magic*! Vocês foram aceites, parabéns! — disse, muito entusiasmada, uma senhora.

— Como assim, aceites? — perguntou Allie.

— Eu posso explicar — afirmou Mia. — Esta é uma escola de magia fundada há cerca de cem anos, criada para defender os humanos de ameaças mágicas. Porém, neste momento, quem precisa de ajuda é a escola, visto que algo terrível está prestes a acontecer. Então, eu fui selecionada pela escola para descobrir as três melhores pessoas para ajudar nesta luta e os escolhidos foram vocês. Agora deixo o resto para a Emma.

— Agora vou apresentar-vos a vossa nova escola, sigam-me!

⌘ JOVENS FEITICEIROS | FÁTIMA CUNHA ⌘

E, assim, os quatro amigos, compreendendo que se tornariam, um dia, grandes feiticeiros, caminharam lado a lado, curiosos, em direção a uma extraordinária aventura!

⌘ FIM ⌘

☞ A MENINA QUE CRIAVA MÁQUINAS DO TEMPO ☜

Glory-Cez



Um belo dia, estava uma menina no jardim de sua casa à procura de inspiração para o seu desenho. Ela era muito criativa, mas os pais não lhe davam valor. Esta é a história de uma menina que construía diversas máquinas na sua adolescência.

A menina tinha uns pais com a mentalidade de antigamente, acreditando que as meninas não podiam ir à escola, apenas os rapazes tinham esse direito. Para eles, as meninas só deviam estar em casa a aprender a cuidar da casa, cuidar da família, entre outras tarefas. Mas ela tinha curiosidade em aprender. Era a única menina de quarto irmãos mais velhos. Lia os livros deles, mesmo não tendo idade. Nessa altura, ela só tinha cinco anos. Sabia ler, pois, no país onde viviam, as meninas tinham de ir à escola. Então, os pais foram obrigados a deixá-la ir. Dali a três dias ela faria seis anos de idade e estava muito ansiosa, não só porque ela fazia anos, mas também porque iria para o primeiro ano dali a uma semana, após o seu aniversário.

Naquela tarde, com intenção de ir falar com os seus pais, ela ouviu-os a discutir. A menina foi ter com os irmãos, que estavam a jogar videojogos, e perguntou:

— Irmãos, o que é o divórcio?

— Quem te disse isso? Espera aí! Andaste a ler os nossos livros? — perguntou o irmão mais velho.

— Não, eu queria ir falar com o papá e a mamã e ouvi-os a falar sobre o divórcio — disse a menina.

Os irmãos, preocupados, foram a correr para verificar o que a irmãzinha lhes tinha dito. Eles viram que era verdade, mas não pareciam estar zangados. Então, foram-se embora sem dizer à irmã o que era o divórcio. Mais tarde, a menina entrou no quarto dos pais para falar com eles sobre o seu aniversário.

— Mãe, pai, podemos celebrar o meu aniversário na praia? E mais uma coisa! O que é o divórcio? Ouvi que estavam a falar sobre isso, com um ar muito zangado.

— Claro, filha, podemos conversar — respondeu o pai. — Podes trazer os teus amigos para festejar o teu aniversário. Quanto ao resto, é muito feio ouvires as con-

versas dos outros!

— O teu pai foi escolhido para fazer uma peça de teatro, então eu estou a ajudá-lo a treinar — explicou carinhosamente a mãe.

A menina aprendeu a sua lição. Pediu desculpa e disse aos pais que o tema do aniversário seria uma personagem da *Disney*, Moana. Entretanto, chega a hora de jantar e a mãe fez macarrão com queijo para comerem. Enquanto comiam, a menina pergunta à mãe:

— Mãe, porque é que tu não trabalhas?

— O que faço todos os dias não é trabalhar? — responde, alteando a voz.

— Trabalhas, mas isso é trabalho doméstico — afirma a menina, inocentemente. — Eu estou a perguntar porque é que tu não tens um emprego como o papá e as mães das minhas amigas.

A mãe, furiosa, atira-lhe com um chinelo, gritando:

— Eu sou eu, eles são eles. Então, não me comparas com eles. Eu vou trabalhar um dia, agora não quero.

A menina, triste e com lágrimas nos olhos, disse:

— Desculpa, mas não precisavas de me bater e ficar irritada. Só estava curiosa.

Naquela noite, os pais da menina ajudaram-na a fazer os convites para o seu aniversário, tendo sido enviados por correio no dia seguinte. O tempo passou muito rápido e, finalmente, era o dia do seu aniversário. Os pais da menina prepararam tudo para a festa, que seria na praia. Foram buscar o bolo muito cedo e depois foram logo para a praia para a decorar.

Pouco tempo depois, os amiguinhos e familiares chegam e a festa começou. Havia muitas atividades divertidas para fazer, tais como: canoagem, natação, pesca desportiva, corrida, concurso de construções na areia e caça ao tesouro. E, para comer e beber, havia: peixe-atum e polvo grelhado, sanduíches, bananas, gelados, iogurtes, águas de coco, sumos naturais, bolachas, vários doces e bolo de aniversário.

Quando começou a escurecer, cantaram os parabéns à menina e partiram o bolo de anos. Após todos terem ido embora, a menina reparou em algo que a deixou muito surpreendida: quando ela e os seus pais chegaram à praia, a mesma estava um bocadinho suja. Porém, naquele momento estava muito pior. Os seus pais não fizeram nada para ajudar, tendo deixado a praia cheia de lixo. Também eles acabaram por regressar a casa, deixando a praia naquele estado.

— Porque é que deixámos a praia suja? Eu acho que não foi a coisa certa a fazer — pergunta a menina, num tom triste, ao chegarem a casa.

Os pais riram, mas não lhe responderam. Ela ficou triste com o comportamento dos pais, e não teve coragem de dizer mais nada, tendo ficado em silêncio. Pouco depois, tomou banho, escovou os dentes e foi dormir, com a imagem da praia cheia de pratos e copos de plástico que tinham sido usados na sua festa.

Uma semana passou e a menina começou o primeiro ano. Fez novas amizades e começou a gostar da escola. O sino tocou e todos foram para a sala onde a professora se apresentou, pedindo, posteriormente, aos alunos que se apresentassem também de forma a conhecerem-se melhor uns aos outros. Ela estava a gostar de estudar naquela escola e os pais estavam orgulhosos dela, pois tirava sempre boas notas e era, até, a melhor aluna da turma.

O tempo voou. De um momento para o outro, passaram oito anos desde o seu primeiro dia de aulas e a menina já se encontrava a frequentar o terceiro ciclo. Estava no nono ano. Nesse ano, ela passou o seu Verão num campo de férias. Estava a gostar muito.

Infelizmente, a certa altura, ela recebe um *email* da Senhora Diretora, referindo que ocorrera um grave incêndio na escola e que a mesma teria de fechar, pois demoraria dois anos a ser reconstruída. A menina, sentindo pena da Senhora Diretora, correu para junto dos pais, contando-lhes tudo. Pediu-lhes para doarem dinheiro para a reconstrução da escola. E assim fizeram. Doaram cerca de dois mil euros.

Mais tarde, decidiram transferir a filha para outra escola, que era ainda maior e havia muita agitação com a enorme circulação de automóveis, motas e autocarros. A menina estava animadíssima para começar as aulas na sua escola nova. No dia em que as aulas começaram, ela acordou cedo e preparou-se rapidamente. Tomou banho, escovou os dentes, tomou o pequeno-almoço e saiu. Ao chegar à escola, ficou muito admirada com o seu tamanho, complexidade e beleza. Assim que as aulas começaram, todos se apresentaram. A menina fez novas amizades, mas infelizmente também fez uma inimiga.

A sua inimiga chamava-se Tartiane. Ela já estava na escola há muito tempo, por isso muitos alunos a temiam. Tratava-se de uma jovem orgulhosa, julgando-se superior a todos, pois achava que ninguém podia ter as mesmas coisas que ela. Durante o intervalo, a menina ouviu Tartiane a falar e a mostrar o seu novo telefone ao seu grupo:

— Vejam a beleza do meu telemóvel! É um *iPhone 13 Pro Max*. Vejam a capa do telefone, é fantástica! Ninguém tem um igual porque é muito caro.

— Olá! — saudou, timidamente, a menina, indo ao encontro de Tartiane e do seu grupo. — Sou da tua turma. E eu também tenho o mesmo telemóvel que tu e uma capa muito parecida. Não é fixe o que estás a dizer.

— Não acredito, o teu deve ser falso — respondeu, furiosa. — Quem to deu? Ou roubaste de uma bilionária? Detesto ter coisas iguais. Todas as minhas coisas são caras. Só as pessoas ricas como eu podem comprar. E tu não és rica de certeza, sua idiota.

Nesta altura, já todos rodeavam a menina e Tartiane e começaram a rir. Mas a menina não ficou em silêncio.

— O meu telemóvel não é falso. Foram os meus pais mo deram. Não o roubei. Se não gostas, paciência. Não tenho de te dar explicações.

Tartiane, irritada, saiu dali, dizendo que se iria vingar dela.

∞ A MENINA QUE CRIAVA MÁQUINAS DO TEMPO | GLORY-CEE ∞

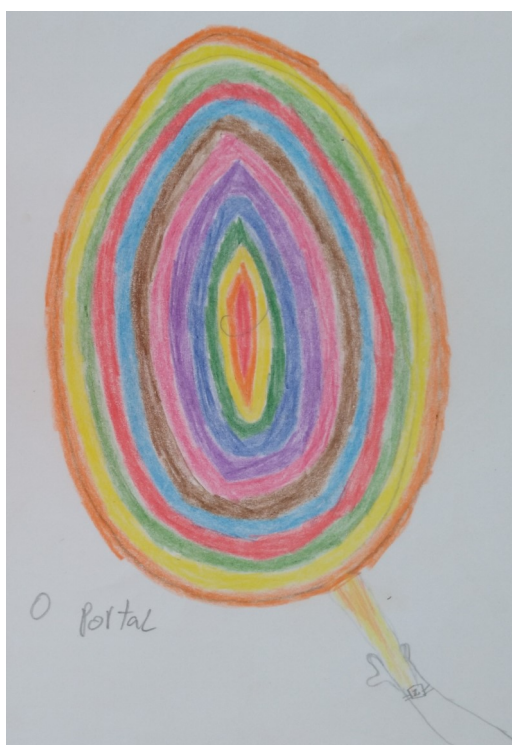
Na aula de Educação Visual, a menina fez um desenho de um robô e então decidiu nesse instante construir um. Pediu aos pais para comprarem os materiais necessários para o construir. Todos os dias depois das aulas ela trabalhava no seu projeto.

Passaram meses e, finalmente, o robô estava feito. Após vários testes, concluiu que estava pronto para poder apresentar ao público, o qual, na realidade, era só a sua família. Animada, chama todos e mostra a sua construção.

— Tira uma fotografia do robô e publica no *Instagram*! — pediram os pais, maravilhados.

E assim fez. Em menos de uma semana, as suas publicações tornaram-se virais e foi convidada para participar numa palestra sobre novas tecnologias ao Dubai, a fim de falar sobre o seu robô. A partir de então, a menina nunca mais parou.

Começa a construir uma máquina do tempo com a forma de um relógio de mão. Ao terminar, procura realizar várias experiências. Numa delas, ela consegue viajar para o futuro.



☞ A MENINA QUE CRIAVA MÁQUINAS DO TEMPO | GLORY-CEE ☜

Infelizmente, o que ela viu assustou-a, verificando que os seres humanos já não queriam saber da Natureza: vários havia vários incêndios espalhados por todo o lado; o mar encontrava-se negro por causa dos derrames de petróleo; os alimentos começavam a ser cada vez mais raros, entre outras situações terríveis.

Passado algum tempo, sentindo-se triste, a menina, com a ajuda dos seus pais, decide fundar uma organização chamada "Operação Salvar a Terra!". Empenhou-se em fazer cartazes de sensibilização e de divulgação das suas ideias e as pessoas começaram a aderir a esta causa. Com tempo, foram fazendo cada vez mais manifestações e missões de sensibilização. Foram programados vários dias para fazerem limpezas às praias, praças e outros locais. Estava a correr tudo bem, até que um dia os irmãos da menina descobriram tudo sobre a máquina do tempo e ameaçam-na, dizendo:



∞ A MENINA QUE CRIAVA MÁQUINAS DO TEMPO | GLORY-CEE ∞

— Se tu não nos lewares ao futuro para vermos o que vai sair no nosso teste de Matemática, vamos contar aos nossos pais que copias nos testes. Eles vão acreditar e tu vais ficar de castigo!

Ela assim fez. Os irmãos ficaram assustados e deram uma sugestão:

— Porque é que tu não fazes um vídeo e publicas na *Internet* tudo que estamos a ver? Podias gravar tudo isso!

A menina gostou da ideia e fez o que os irmãos lhe disseram.

O tempo foi passando e a menina conseguiu fazer cerca de cem robôs, amigos do ambiente, para ajudar o mundo. Já na universidade, tornou-se num exemplo para todos. Sempre que é preciso, a menina consulta a máquina do tempo para ver o futuro e saber se o que está a fazer agora irá contribuir para um futuro melhor.

∞ FIM ∞

∞ A IGNORÂNCIA DE MELLANY ∞

Graziêz Afonso



Era Verão. Uma menina, que se chamava Mellany, e as suas amigas, Thayná e Kelly, estavam na praia a aproveitar os seus últimos dias de férias. Faltavam poucos dias para começarem as aulas.

Mellany era uma muito gira, de cabelos crespos, simpática e engraçada, mas o seu maior defeito era deitar o lixo para o chão. No dia seguinte, a sua amiga Kelly faria anos e ela convidou os seus amigos para a festa de aniversário: Mellany, Thayná (como sendo as principais), Gabriel, Ethan e Miah.

Mellany tinha uma atração muito forte por Ethan.

Ethan era um menino elegante, lindo, de olhos azuis e cabelos cacheados. Gostava muito da Natureza e sonhava muitas vezes em ter o ambiente limpo.

Ao entrar em casa de Kelly, Mellany começou a fitar Ethan e a fazer perguntas:

— É o Ethan?! Misericórdia! É mesmo ele?! E agora? O que eu faço? Ai! E se ele sentar ao meu lado? Tenho de me concentrar!

— Calma, Mellany! É só um menino, não enlouqueças, amiga! — gritou a Thayná.

Ethan, propositadamente, senta-se ao lado de Mellany, deixando-a mais agitada.

— Olá, Mel, tudo bem? — cumprimentando-a.

— Sim, obrigada, Ethan — respondeu a Mellany, apaixonada.

Na verdade, Ethan também sentia uma ligeira atração por Mellany. Desde então, começaram a estar sempre juntos e a ter longas conversas.

Certo dia, após o início das aulas, em setembro, o professor de Ciências Naturais atribuiu aos seus alunos um trabalho de grupo sobre a poluição. Mellany, Ethan e Miah combinaram reunir-se em casa de Ethan para a elaboração do trabalho de pesquisa, após o término das aulas, aproveitando para almoçarem todos juntos. Mellany, não querendo levantar-se para colocar a sua lata de refrigerante vazia no caixote do lixo, atirou-o para o chão.

∞ A IGNORÂNCIA DE MELLANY | GRAZIELE AFONSO ∞

— Mellany, porque fizeste isso? Achas que estás a fazer bem ao ambiente, deixando o lixo para o chão? — perguntou Ethan, transtornado.

— Deixa-me, por favor! Claro que não vai fazer nada de mal ao planeta. Afirmou Mellany, pensando que estaria certa.

— Somos teus amigos e queremos ajudar-te e ajudar o planeta, que está a sofrer muito por causa da poluição. — disse Miah.

— Acho que tens de pesquisar mais sobre isso, Mellany — observou Ethan.

— Basta! Eu não preciso de pesquisar sobre a poluição do planeta. Vou-me embora e vou fazer o meu trabalho sozinha! — gritou.

— Boa sorte com a pesquisa, Mellany — desejou Ethan.

Sem conseguirem impedir que Mellany se fosse embora, Ethan e Miah sabiam que, apesar da sua atitude, ela iria acabar por procurar mais informação sobre este tema. Com aquela pesquisa, ela iria ver e perceber a situação ambiental em que se encontra o planeta e também entender que os seus amigos estavam certos.

∞ FIM ∞

☯ QUANDO O AMOR É DUPLO ☯

Josef Maganga



Thais Trigueiros, 9.º C

Há muito tempo, viviam dois irmãos numa casa já antiga: o mais velho chamava-se Yin e o outro, o mais novo, Jin. Os dois eram altos e com cabelos lisos. Certo dia, resolveram dirigir-se a uma aldeia longe de sua casa, que, para seu espanto, era como se estivesse dividida em dois espaços, completamente distintos entre si. Por um lado, uma zona com muitas casas pequenas, dando-lhes a sensação de que as pessoas viviam em más condições. Por outro lado, uma área caracterizada pela beleza dos edifícios, casas magníficas, onde vivia a população mais rica da cidade.

Os dois irmãos, que eram alquimistas, procuravam saber mais sobre a alquimia e, para isso, precisavam de procurar um professor. Após terem encontrado o espaço ideal e o professor, começaram as suas aulas.

Sempre que podiam, gostavam de passear pelas ruas da aldeia, acenando e conversando sobre o que viam. Numa manhã soalheira, viram uma rapariga com uns olhos que brilhavam como diamantes, de cabelo curto e liso e com um sorriso de um anjo. Ela vendia maçãs numa cesta que segurava nas mãos. Jin perguntou a Yin se podia ir comprar algumas maçãs, e este respondeu-lhe:

— Sim, podes ir, mas não demores, porque temos de ir assistir às nossas aulas!

— Está bem, tu tens razão — afirmou Jin.

Então, Jin foi comprar as maçãs. Ao regressar para junto do irmão, a rapariga disse-lhes que haveria uma festa no mercado no dia seguinte, perguntando-lhes se queriam ir, eles aceitaram.

Tal como combinado, eles foram ao mercado para ir ver a festa. Quando chegaram, a festa estava muito bonita. Havia diversos espetáculos, marionetes, e muitas outras coisas. A rapariga viu-os e foi ter com eles. Assistiram à festa e aos espetáculos juntos. Quando a festa acabou, Jin estava bêbedo, por isso Yin foi levá-lo à pensão onde estavam alojados, acompanhado de Francine, a jovem que os convidara para a festa. Assim que chegaram à pensão, Francine começou por se despedir. Nesse momento, Yin insistiu para a acompanhar até a casa e ela aceitou. Foi então

que constatou que ela levava restos de comida na cesta. Ele ficou em silêncio e apenas ficou a ver para onde ela levava tudo isso. Quando eles chegaram à casa dela, uma casa muito velha, pequena e em más condições, que ficava na parte mais pobre da aldeia, ela bateu à porta:

Toc, toc, toc!

Quando a porta se abriu, Yin reparou que ela tinha irmãos. Francine convidou-o para entrar. Feitas as apresentações, ela deu-lhe os restos de comida que estavam na cesta. Para seu espanto, ela não comeu nada, ficando apenas a observá-lo. Após esta ligeira refeição, voltaram a sair juntos.

Caminhavam lado a lado, em silêncio, parando em várias casas, e sempre com o mesmo propósito: distribuir alguns pães pelas famílias mais carenciadas. Yin começou a perceber que a jovem nunca comia. Intrigado, resolveu afastar-se um pouco e perguntar a uma velha senhora que por ali passava, quem era esta jovem.

— Conhece-a? — perguntou, ansioso.

— Conheço-a bem. A Francine partilha sempre os pães com os habitantes mais carenciados da aldeia. Todos a conhecem. Por isso, a sua missão é procurar comida para distribuir ao final do dia.

Yin, cada vez mais interessado na história, pediu à senhora que continuasse:

— Certo dia, um menino adoeceu na nossa aldeia e Francine decidiu roubar várias galinhas e os seus ovos com o objetivo de o curar. As pessoas, não compreendendo que apenas havia bondade nas suas ações e intenções, apanharam-na e condenaram-na, apesar dos esforços do seu pai para decidir pagar o que ela roubara, de modo a evitar que fosse para a prisão. Infelizmente, tal ação não evitou que lhe colocassem uma marca de ladrão nas suas costas e o menino, que estava cada vez mais fraco, acabou por morrer. É por isso que esta jovem trabalha arduamente para poder ajudar quem mais precisa.

Comovido com toda a história que acabara de ouvir, Yin perguntou o que po-

deria fazer para ajudar Francine.

— O senhor tem de se casar com ela — pediu prontamente a idosa. — Ela está a sofrer muito e precisa de alguém para a ajudar.

No caminho de regresso para junto do irmão mais novo, o qual dormia tranquilamente na pensão, Yin não parava de pensar nas palavras daquela senhora. No dia seguinte, os dois irmãos levantaram-se tarde. Enquanto estudavam, Jin reparou que o seu irmão estava distraído, e disse:

— Tu não podes ficar com ela! Tu sabes que me apaixonei primeiro!

Yin ficou calado, a pensar no que a senhora tinha falado com ele.

No dia seguinte, ele dirigiu-se à igreja e viu-a ajoelhada de frente para o púlpito. Ao aproximar-se dela, ganhou coragem e pediu-a em casamento. Para sua grande alegria, ela aceitou prontamente. De mãos dadas, saíram da igreja e, sem que eles notassem, Jin estava escondido no meio bancos da igreja a observar tudo o que se passara, tendo tomado uma decisão: nunca mais iria querer ver o seu irmão à frente.

Apesar da separação dos irmãos, o casamento concretizou-se. No entanto, no dia seguinte, Francine desapareceu, deixando Yin muito amargurado. Segundo rumores por parte das pessoas da aldeia, ouviu dizer que ela tinha uma doença rara e que contaminava quem estivesse próximo dela. Sem saber onde é que ela estava, pediu às pessoas que a procurassem.

Várias semanas se passaram e Yin já estava a perder a esperança de a encontrar. Até que um dia descobriu a sua mulher, na casa de uma curandeira, ficando o seu coração cheio de alegria e emoção.

— Não te preocupes, meu amor, pois irei encontrar a cura para a tua doença — tranquilizando-a.

Instantes depois, dirigiu-se, o mais rápido que conseguiu, ao seu laboratório improvisado, na realidade um escritório pleno de instrumentos e utensílios para vários tipos de experiências químicas, e começou a fazer o antídoto. Após diversas ten-

tativas frustradas, Yin conseguira obter o antídoto que tanto necessitava para curar a sua amada. Francine estaria curada em breve!

Estes eram os pensamentos que lhe ocorriam a caminho da pequena habitação onde a sua esposa se encontrava. Ao chegar ao local, deparou-se com um grande incêndio. Tudo estava perdido. Até que, de repente, conseguiu ouvir alguém a pronunciar sons muito fracos, pedidos de socorro. Era Francine, a qual, já muito debilitada, chamava o seu esposo para a libertar. Quando Yin finalmente a encontrou, entrando por uma janela em chamas, Francine fê-lo recordar-se de um momento especial para ambos:

— Lembras-te da festa a que nós fomos? Foi muito divertida, não foi? Obrigada por estares na minha vida, meu querido esposo, pelas tuas palavras, por me fazeres rir bastante. Obrigada por me amares...

Nesse instante, ela ficou inconsciente. As chamas eram cada vez maiores e ela acabou por morrer devido ao ar que se tornara irrespirável. Por milagre, Yin conseguiu salvar-se, saltando pela mesma janela em vias de ser consumida totalmente pelas chamas. Ao regressar à pequena casa que alugara para viver com Francine, cruzou-se de forma inesperada com o seu irmão, que ia a correr, absolutamente desvairado. Reconhecendo a voz que o chamava insistentemente, parou. Era o seu irmão, que também fizera um antídoto para salvar Francine.

— Leva este antídoto, querido irmão! Salva-a, ainda há tempo! Corre! — disse desesperadamente.

— Ela morreu — conseguiu, ao fim de algum tempo, dizer Yin, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto. — Afinal, tu tinhas tudo o que eu precisava. Ela amava-nos, aos dois.

Depois destas palavras, Jin percebeu que ela o amava também e os dois irmãos reconciliaram-se.

Keyla Pontífice



Numa tarde de Verão, os irmãos Kells e Loreto decidiram ir à praia para aí festejarem o seu aniversário. Como sempre, convidaram os amigos mais próximos. Saliente-se que já era seu hábito passarem o dia dos seus anos na praia. Aquela praia era o seu lugar de eleição, pois para além de aí festejarem o seu aniversário, tinham por costume dirigir-se ao local noutras ocasiões marcantes, justificando o apreço que tinham pelo local.

Ao chegarem à praia, tiveram um grande desgosto. O que viam diante dos seus olhos era devastador: lixo por todos os cantos; garrafas partidas; lixo orgânico e inorgânico, entre outras situações terríveis. Tal visão deixou-os verdadeiramente em choque e num estado de aflição.

Perante tal cenário, Kells e Loreto decidiram que tinha chegado a altura de fazer alguma coisa para tentar salvar a sua praia. Assim, este foi o ponto de partida para a criação de uma organização que se tornou bastante conhecida pelas obras que os seus membros realizaram. Com o passar do tempo, outras comunidades seguiram o seu exemplo e era maravilhoso poder observar o sucesso alcançado.

A partir de então, não só esta praia começou a ser mais visitada pelos habitantes e turistas, como também muitas outras, uma vez que estavam sempre limpas. Os irmãos estavam satisfeitos com o resultado da sua iniciativa pioneira, mas parecia que ainda faltava alguma coisa, pelo menos na ótica de Kells.

— Eu estava aqui a pensar numa coisa, Loreto, e gostaria de ouvir a tua opinião.

— De que estás a falar meu irmão? — questionou Loreto. — Pela expressão do teu rosto, parece ser algo muito sério!

— E tens toda a razão! É algo tão sério que pode mudar as nossas vidas — afirmou Kells.

— Deixa-te de mistérios e fala de uma vez! Vá lá, desembucha! — pediu, impaciente, Loreto.

— E que tal se publicássemos a nossa história em forma de obra literária?

— Não sei bem. Achas que alguém poderia interessar-se por uma história assim? — questionou Loreto, com algumas dúvidas.

— Alguma coisa me diz que sim. Da mesma forma como conseguimos vencer as várias comunidades do nosso país, outras populações poderão também assimilar essas ideias — afirmou cheio de confiança Kells.

Passadas algumas semanas, os dois irmãos concluíram o seu livro, narrando toda a sua história. Posteriormente, ambos entraram em contacto com uma editora, tendo solicitado uma impressão na ordem dos 1000 exemplares, após uma avaliação atenta e cuidada da mesma. O sucesso foi tal que houve uma terceira edição da obra.

Daí em diante, os irmãos Kells e Loreto passaram a gozar de uma reputação invejável. Ao mesmo tempo que se multiplicavam as mensagens de felicitações aos promotores da ideia, cresciam as solicitações para participarem em palestras e outros eventos públicos, onde eram chamados a partilhar a sua história. Eles estavam muito felizes, pois o mais importante não era a fama, mas a oportunidade de esta história contribuir para a mudança de mentalidades, comportamentos e da própria vida das pessoas.

“Amigos do Meio-Ambiente, amigos da Natureza, vamos todos salvar o nosso Planeta!”

∞ FIM ∞

☪ O PESCADOR ☪

Laércio Santiago



Há muito tempo, vivia no Oceano Atlântico um pescador que tinha três filhos: o mais velho tinha quinze anos, o qual, por ambição, saiu de casa e entrou no mundo do crime; o do meio tinha doze anos e, por falta de meios, os pais tiveram de o colocar numa instituição para crianças, e o mais novo, com oito anos, ficou ao cuidado de sua mãe.

Certo dia, o pescador foi para terra firme fazer compras. Quando chegou à loja, presenciou um assalto e, para seu grande espanto, quem estava no comando era o seu filho. O pescador, muito triste, falou o seguinte:

— Filho, por favor, não roubes a loja! Eu e outras pessoas só viemos fazer compras. Não te criei para seres ladrão, mas sim uma pessoa honesta!

— O senhor não tem o direito de falar o que devo fazer, pois nunca cuidou de mim — respondeu o filho, fora de si. — E o senhor foi-se embora, deixando-me a mim e aos meus irmãos sozinhos. A nossa mãe tem sofrido muito por sua causa!

Passado algum tempo após esta conversa, os outros dois filhos faleceram, devido a uma doença genética. As notícias rapidamente se espalharam e o pescador ficou a saber. Numa tarde, dirigiu-se a um bar e bebeu demais, tal era a sua angústia. Pensando em mudar de vida, procurou ajuda de um psicólogo. Foi então que percebeu que estava com depressão.

Passaram vários anos. Certo dia, o pescador reparou que a sua vida estava desmoronada e suicidou-se. O seu filho mais velho tenha sido preso e, quando soube da morte do seu pai, chorou muito, lembrando-se do que lhe havia feito. Após a sua libertação, dirigiu-se à casa do pai e foi ao seu antigo quarto buscar umas lembranças. Reparou num lugar onde havia uma caixa meia aberta. Com curiosidade, aproximou-se dela e abriu-a, encontrando um boneco no seu interior. Acabou por adormecer com o boneco nas mãos.

No dia seguinte, o filho acordou triste e deixou o boneco cair, partindo-se. Nesse instante apercebeu-se de que havia um papel dobrado no chão, ao lado da

∞ O PESCADOR | LAÉRCIO SANTIAGO ∞

caixa. Era um mapa. Depois da descoberta, passou meses a decifrá-lo, até que conseguiu chegar ao último tópico. Achou um diário que falava sobre a vida do pescador. Entre muitas coisas, estava escrito que o seu objetivo de vida era unir a sua família.

Ao ler tais palavras, tomou a decisão de reunir a família, dizendo-lhes:

— Olá a todos! Venho informar-vos que o nosso pai faleceu. Dizem que foi suicídio e acho que foi por nossa culpa.

— A culpa não é nossa! Ele foi um irresponsável por ter filhos e não souber cuidar deles — falou o irmão do meio.

— Para ser sincero, ele não tinha condições de nos sustentar, mas sempre nos amou — afirmou o filho mais velho. — Vejam o que achei!

— O que é isso? — perguntou o filho mais novo.

— É o diário secreto do nosso pai. Aqui está escrito que o nosso pai tinha como objetivo na vida unir a nossa família.

— A sério? Isso é verdade? — perguntou o filho do meio, surpreendido com o que tinha acabado de ouvir.

— A partir de hoje, vamos ser uma família unida e dar orgulho ao nosso pai por onde ele estiver! — prometeu o filho do meio.

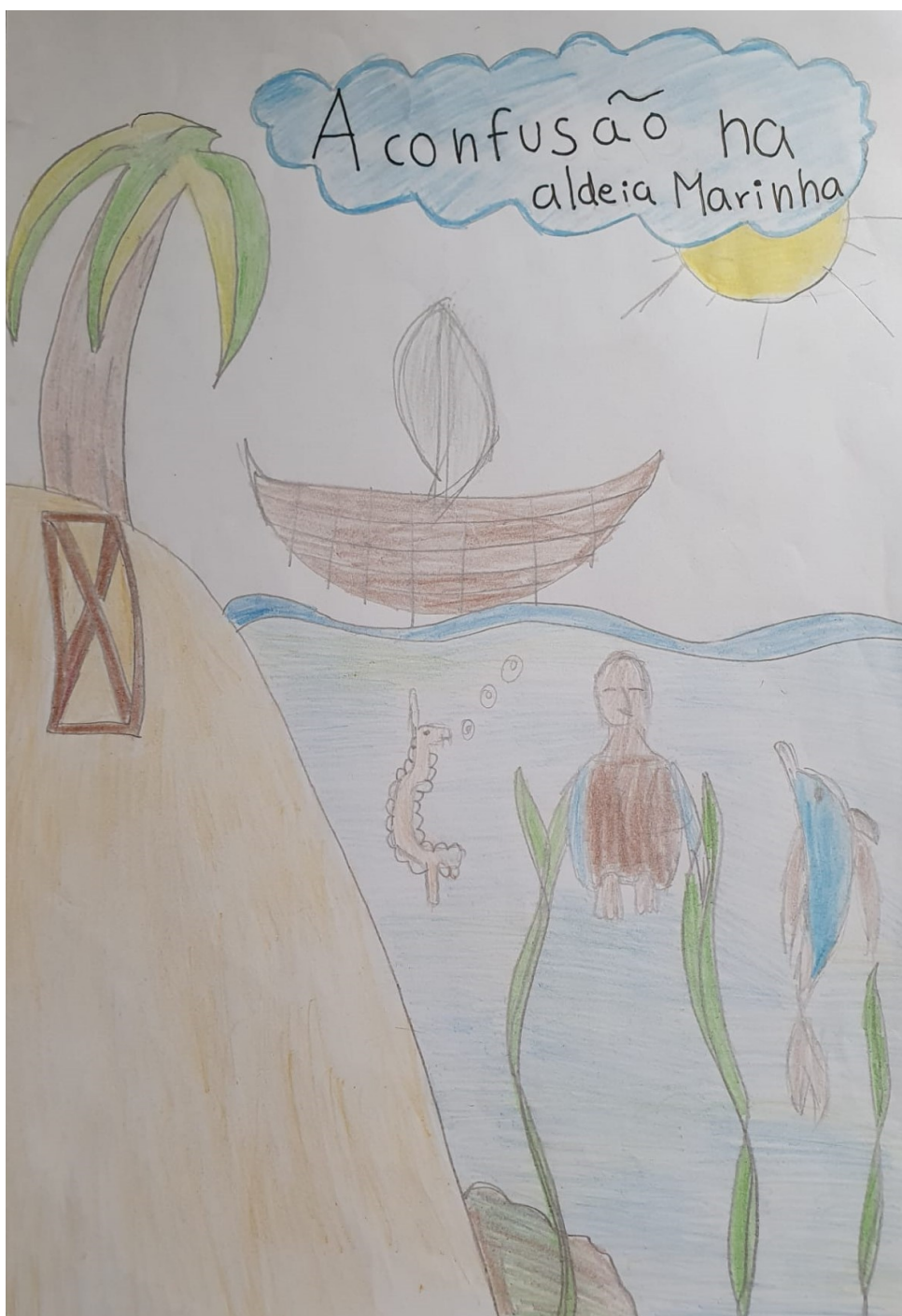
Desde aquele dia, a família do pescador tornou-se numa família unida: os três irmãos tornaram-se inseparáveis, tendo sido a maior alegria para a mãe.

“Caro leitor, esta história explica que devemos dar valor às pessoas em vida!”

∞ FIM ∞

☞ A CONFUSÃO NA ALDEIA MARINHA ☜

Lino Roux



Há muito, muito tempo, num oceano muito distante de São Tomé e Príncipe, vivia uma família de tartarugas. Esse oceano tinha as suas águas muito sujas. Na aldeia onde a família de tartarugas vivia existia muito lixo: em todos os corais havia plástico, latas de sumos e muitos pauzinhos de chupa-chupa. Todas as espécies que viviam nesta aldeia já estavam habituadas ao lixo, menos a família das tartarugas. Elas viviam revoltadas com a situação, porque nasceram em águas muito limpas, onde não havia lixo — as límpidas e quentes águas da Ilha do Príncipe.

Um dia, fartas desta situação, decidiram fazer uma reunião com todos os habitantes da aldeia marinha, para resolver o problema do lixo. As tartarugas sensibilizaram os habitantes, para os problemas que o lixo poderia causar, e que todos tinham de se unir para resolver esta gravíssima situação que estava a afetar a povoação marinha. De todos os elementos, o polvo era o que estava mais atento ao que as tartarugas falavam. De repente, intervém o peixe-balão, dizendo, num tom muito arrogante:

— Não contem comigo!

Depois de ouvirem as tartarugas, muitos peixes e crustáceos juntaram-se a elas nesta causa. A confusão entre os habitantes marinhos estava instalada, até que o cavalo-marinho interveio, sugerindo:

— Devíamos recolher todo o lixo e pô-lo dentro de um barco!

Outros deram a ideia de que deviam deixar o lixo numa praia, para que os humanos o recolhessem.

As tartarugas ouviram todas as sugestões, com interesse e atenção, concluindo que o lixo que recolhessem poderia voltar para o fundo do oceano. De súbito, um golfinho sugeriu:

— Não tem de ser assim, meus amigos! Podemos dar uma nova vida ao lixo, criando uma associação, onde pudéssemos transformar o lixo em objetos úteis para

o dia a dia dos humanos!

Todos os habitantes do mar ficaram a olhar para o golfinho com um ar muito espantado, pois não estavam à espera de ouvir tal coisa. O peixe-balão, que não estava interessado na resolução do problema do lixo, ficou fascinado com esta ideia.

Poucas semanas depois, a associação já estava a funcionar. Todo o lixo foi recolhido da aldeia marinha e levado para a associação onde estava a ser transformado em objetos de decoração para habitação: joias, brinquedos para os mais pequenos, mobílias e muitas outras coisas que iam surgindo, com a colaboração de todos. Depois desta união, a aldeia ficou limpa e os seus habitantes ficaram muito orgulhosos pelo que fizeram!

☞ FIM ☜

Contos



Participação Especial

Nana-Yu

☯ UM PRESENTE PARA A MENINA CACAU ☯

Nana-Yu



Havia uma menina que se chamava Cacau. Tinha cabelos pretos e longos. Vivia numa família feliz com os pais. Gostava de cuidar da beleza e de enfeites como pulseiras, colares e brincos.

Como filha única, Cacau era muito apegada aos pais e mimada por eles. Certo dia, quando ouviu que o pai viajaria para outra cidade por uma semana, ficou muito triste. Antes da partida, o pai perguntou-lhe:

— Minha querida filha, queres alguma coisa especial que te traga da viagem? Viajarei amanhã em missão de trabalho, mas regressarei na próxima semana.

— Pai, não quero nada, só queria que não viajasse e ficasse em casa connosco. — disse, com as lágrimas descendo como uma cachoeira.

— Filha, não chores, sabes que eu te amo muito. É só uma semana de viagem, já venho ter contigo. Prometo que te trarei uma prenda fantástica!

Quando Cacau ouviu disso, parou de chorar imediatamente, piscando os olhos e limpando as lágrimas. Acenou a cabeça, aparecendo um sorriso doce no seu rosto.

O pai respirou profundamente por ter conseguido consolá-la e foi arrumar as malas de viagem. No dia seguinte, partiu muito cedo. Nem deu tempo de se despedir da filha, pois Cacau estava a dormir. Então, decidiu que não a acordaria e apenas deu um beijinho na sua testa.



O tempo voou. Cacau nem se apercebeu de que os dias tinham passado tão rápido. Por fim, chegou o dia do regresso do seu pai. Encontrava-se muito animada por reencontrar o pai e também pela prenda que ele lhe havia prometido. Mas tudo não aconteceu como marcado. Ela ficou à sua espera até altas horas da noite e não foi para a cama. Como não o viu regressar a casa, foi falar com a mãe:

— Mãe, porque é que o pai ainda não chegou a casa? Já passou muito tempo em relação à hora em que devia chegar e quero ver o meu pai e o meu presente.

— Olha, filha, também não sei a razão. Liguei-lhe várias vezes, todavia não atendeu nenhuma chamada. Estou preocupada também. Mas acredita em mim que não acontecerá nada. De qualquer forma, ele chegará a casa em segurança. Agora, vai para a cama. Quando o teu pai chegar, eu acordo-te.

Assim que a filha foi dormir, começou uma chuva grossa e imensa, batendo nas portas da janela. A mãe de Cacau ficou muito ansiosa e preocupada. Subitamente, a campainha tocou. Foi até ao portão com um guarda-chuva. Apareceu uma pessoa toda molhada à sua frente. Naquele momento, percebeu que era o seu marido. Ficou contente e, ao mesmo tempo, zangada com ele.



∞ UM PRESENTE PARA A MENINA CACAU | NANA-YU ∞

— Tu devias chegar mais cedo! — gritou a mãe zangada e feliz ao mesmo tempo.

O pai de Cacau, erguendo a cabeça, olhou para relógio na parede. Eram quase duas horas da manhã.

Ele começou a pedir desculpas, explicando que o telefone lhe foi roubado na estação de comboio. Tentou procurá-lo, mas, infelizmente, não o encontrou mais e não conseguiu entrar em contacto com mais ninguém.

— No início, eu pensava voltar amanhã — começou por explicar. — Mas como vos prometi que voltaria ainda hoje, cheguei a casa muito tarde. A minha princesa ficou triste, quando não me viu no momento marcado, não foi?

— Sim — respondeu a mãe, já mais calma. — Ficou muito triste mesmo, aguardou por muito tempo e mandei-a para a cama.

— Não te preocupes com isso. Amanhã ela ficará feliz, uma vez que lhe trouxe um presente especial. Irá adorá-lo! Será uma grande surpresa!

No dia seguinte, quando Cacau acordou, viu uma caixa muito bonita na mesinha, ao lado da cama. Ficou muito curiosa e já sabia que o pai havia voltado ainda na noite alta. Nesse momento, os pais entraram no quarto com um sorriso docinho, dizendo para abrir a caixa e ver o que tinha dentro. Cacau deu um salto para a frente dos pais e abraçou-os. Depois, andou na direção daquela caixa e, quando a abriu, ficou muito surpreendida com o objeto que estava lá dentro. Era uma pulseira de jade brilhante, de um tom esverdeado lindíssimo!

No fim, a família começou um grandioso e lindo dia!

∞ FIM ∞

Turma 8.º B

Contos



Turma 8.º B—Fotografia de: Pedro Lima (junho, 2022)

Esta coletânea de contos reúne as histórias mais criativas dos alunos da turma **B, do 8.º Ano**, elaboradas ao longo do ano letivo de 2021/2022, no âmbito da disciplina de Português. Numa linguagem simples e com ilustrações admiráveis, estas histórias encantarão o público de qualquer idade!

PORTUGUÊS

2021 / 2022



EPSTP — CELP

Escola Portuguesa de São Tomé e Príncipe —
Centro de Ensino e da Língua Portuguesa